
LIVRO DIDÁTICO, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E FRANCOFONIA: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE FLE

Suzana Darlen dos Santos Santaroni Teixeira
Dissertações recentes/UFF
Orientador: Xoán Carlos Lagares Diez

Introdução

A presente dissertação trata das representações sociais e linguísticas no âmbito da francofonia, na perspectiva da Teoria das Representações Sociais, em cursos de Licenciatura. O trabalho visa refletir sobre a presença da francofonia nas aulas de Francês como Língua Estrangeira, no âmbito acadêmico. Para isso, selecionamos para análise materiais utilizados por duas universidades Federais do Rio de Janeiro, que são os seguintes: *Alter Ego plus A1 e A2* – adotados pela UFF e UFRJ – e os aparatos elaborados e utilizados pelos professores da UFRJ, após o término dos livros. A pesquisa enquadra-se na área de Sociolinguística e está centrada em questões de políticas linguísticas, especificamente em torno de materiais didáticos que compõem a prática de ensino de FLE¹.

A sociolinguística aborda a língua como objeto histórico e cultural, o que corresponde ao comportamento e aos padrões linguísticos de um determinado grupo social. Tal teoria linguística entende o objeto *língua* como um sistema heterogêneo, integrado na estrutura social. De acordo com a Sociolinguística, “a língua é uma forma de comportamento social, ela é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros” (LABOV, 2008, p. 215). A Sociolinguística é um campo amplo, que contribuiu e contribui para os estudos em Políticas Linguísticas. Por isso, é importante salientar que “paralelamente às primeiras preocupações de Política Linguística, desenvolveu-se o que atualmente se chama Sociolinguística, que dará à Política Linguística os meios científicos de que ela necessitava” (CALVET, 2007, p. 37). Assim, a Sociolinguística

¹ A partir desse momento, a sigla FLE será utilizada no lugar de Francês Língua Estrangeira.

oferece suporte para a presente pesquisa, que se concentra no ensino de língua francesa como Língua Estrangeira (LE)².

Segundo Calvet (2007, p. 16), a Política Linguística pode ser definida como a “determinação das grandes decisões referentes às relações entre as línguas e a sociedade”. Ainda, como afirmam Savedra e Lagares (2012, p. 16), o interesse por questões que dizem respeito às Políticas Linguísticas está no centro de numerosas pesquisas situadas no âmbito não apenas da Sociolinguística e da Etnolinguística ou da Antropologia Linguística, mas também (e sobretudo) da Linguística Aplicada.

O campo de Política Linguística oferece subsídios para essa pesquisa, pois apresenta estudos relevantes na área de investigação das representações sociais e linguísticas, visto seu grau de importância dentro dessa área. Pereira e Costa (2012, p. 172) afirmam que “uma representação favorável a respeito de uma determinada língua pode [...] interferir em uma dada política linguística”.

A pesquisa se desenvolveu em torno da palavra “francofonia”, termo que surgiu em 1880, e que se aplica à realidade geográfica, linguística e cultural de todos os indivíduos que fazem uso da língua francesa enquanto língua materna, segunda língua, língua de comunicação ou de cultura. Segundo Calvet (2007, p. 136), podemos considerar a francofonia como “uma realidade sociolinguística, produto da história – particularmente da história colonial – e um conceito geopolítico recente”. Isto é, a expressão francofonia está relacionada ao conjunto de diferentes povos que utilizam a língua francesa, por influência colonial, social ou política.

Além do conceito de francofonia, o conhecimento das ideias de representação social e linguística também será fundamental para a compreensão das propostas da pesquisa. Assim, faz-se relevante ressaltar o que nos afirma Sêga (2000), a representação social é a representação de objetos ou de pessoas. Ela não representa a transcrição real e ideal, mas é o processo pelo qual é estabelecida a relação entre o mundo e aquilo que o compõe. Sendo assim, os conceitos que formamos sobre alguém ou alguma coisa (lugar, objeto, etc.) são o resultado das representações que construímos. De acordo com Moscovici (1978, p. 26), “a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos”. Portanto, as representações são os meios pelos quais estabelecemos conceitos, e tais conceitos influenciam nos nossos comportamentos, e na forma como nos relacionamos com os outros.

² A partir desse momento, a sigla LE será utilizada no lugar de Língua Estrangeira.

Sobre as representações linguísticas, devemos ressaltar que elas são consideradas como um conjunto de conhecimentos sociais compartilhados e elaborados, relativos à língua. Segundo Petitjean, (2009) “a representação linguística aparece como uma representação social verbalizada (...) ela se organiza de maneira coerente em torno de um princípio comum que aparece na característica fundamentalmente interativa da representação linguística” (PETITJEAN, 2009, p. 44, tradução nossa). Ou seja, ela é a representação social da língua, partilhada através da fala e de atitudes.

Todos esses conceitos ancoram uma análise que tem como ponto de partida o livro didático. Segundo Bergmann (2009), esse material “pode apresentar um papel ideal de simples orientador e guia do processo de ensino/aprendizagem da língua, mas também ocupa frequentemente uma posição central na aula de língua estrangeira” (BERGMANN, 2009, p. 49, tradução nossa). O livro didático é considerado um dos principais instrumentos do processo de ensino/aprendizado de língua estrangeira, sendo uma de suas funções oferecer informações de forma graduada para a produção de conhecimentos.

Assim, o livro didático é o *corpus* de análise dessa pesquisa; mais especificamente, selecionamos, para análise, os livros *Alter Ego plus A1* e *Alter Ego plus A2*, além de materiais auxiliares (Xerox, apostila, etc.). Os livros *Alter Ego plus A1 e A2* foram editados pela *Hachette: Français Langue Étrangère* e elaborados por Annie Berthet, Emmanuelle Daill, Catherine Hugot, Véronique M. Kizirian e Monique Waendendries, no ano de 2012. Esses manuais são direcionados a jovens/ adolescentes e a adultos. Os livros são usados na Graduação em Letras – Português/Francês da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Vale ressaltar, todavia, que existem diferenças no uso, já que a UFF adota o material em todos os períodos, e a UFRJ o utiliza apenas nos quatro primeiros semestres.

Analizamos também os materiais utilizados pelos professores dos sétimo e oitavo períodos de FLE da UFRJ. Tais materiais são elaborados de acordo com os objetivos, necessidades e interesses dos profissionais em questão. O curso de licenciatura em Letras – Português/Francês, dessa universidade, utiliza livro didático somente nos quatro primeiros períodos.

Os estudos sobre representações sociais nos ajudaram a desenvolver as ideias em torno do objetivo de investigar se os professores são preparados e capacitados para uma abordagem da diversidade linguística e cultural da francofonia e de que maneira, levando em consideração a formação de representações. A língua francesa, como se sabe, constitui o vínculo entre os setenta e sete países que fazem parte da Organização Internacional da

Francofonia, por isso, consideramos as representações dos professores sobre a língua francesa e suas sociedades elementos fundamentais para uma postura de educadores conscientes da realidade e das diversidades francófonas. Acreditamos que o projeto possui relevância social no que tange à contribuição para o processo de formação de professores e suas práticas de ensino, tendo como alvo sujeitos sociais integrados ao ensino de FLE do ensino superior.

Análise de Livros e Materiais Didáticos

Este capítulo apresenta as análises dos livros *Alter Ego Plus* A1 e A2, aplicados na UFF e na UFRJ, além dos materiais próprios usados por professores da UFRJ. Averiguamos, nas análises, de que forma tais ferramentas didáticas podem contribuir para a elaboração de representações sociais e linguísticas durante o processo de instrução de profissionais do ensino de FLE, através dos elementos linguísticos e sociais expostos por eles. Além disso, contamos também com questionários e entrevistas de professores em formação dos cursos de Letras - Português/ Francês dessas instituições. Com isso, buscamos relacionar as análises com as experiências profissionais, acadêmicas e opiniões críticas dos entrevistados sobre os materiais.

Vale ressaltar que as palavras **GRADUANDO UFF 1 e 2**, **GRADUANDO UFRJ 1 e 2** estão sendo usadas como meio de citar os entrevistados, preservando suas identidades. Para o desenvolvimento das análises, partimos da ideia de que conhecer a existência de diferentes variedades linguísticas é um fator relevante no processo de construção de representações, podendo contribuir para a aceitação da diversidade do idioma francês.

Sobre os livros didáticos

Os materiais da UFRJ consistem em xerox, que foram cedidas por alunos que estão nos últimos períodos da formação, dado que, a partir do quinto período, os professores não utilizam os livros didáticos, mas sim materiais pesquisados e escolhidos por eles, visando o reforço de conteúdos gramaticais vistos nos semestres iniciais, com os livros.

Os volumes A1 e A2 do *Alter Ego Plus* são de origem francesa, com objetivos voltados para a comunicação no idioma francês, em diferentes situações do cotidiano. O livro A1 possui dez módulos e o A2 apresenta oito. Cada módulo tem um tema e objetivos específicos, que são trabalhados através de textos e exercícios.

Os temas tratados no A1 são os seguintes: “Descoberta”, “Uns e outros”, “Aqui e alhures”, “Diga-me quem tu és”, “Cada um com o seu ritmo”, “Tempos fortes”, “Viagem,

viagem”, “É minha escolha”, “Viver na cidade?” e “Lugares de vida”. Com relação aos títulos de cada módulo do livro A2, podemos citar os que seguem: “Eu tenho relações”, “Próximo da vida ativa”, “A França vista pelo...”, “Mídia mania”, “Instantes de lazer”, “O mundo está em nós!”, “Alternativas”, “Educação”.

Ambos os volumes possuem mapas nas primeiras páginas que antecedem o primeiro módulo e as últimas páginas são dedicadas aos assuntos de fonética, léxico, transcrições de textos auditivos e tabelas de conjugações.

Observações e considerações sobre francofonia, ensino de FLE, representações e livros didáticos

O termo francofonia aparece no início dos dois volumes, através de um título “La francophonie”. Nessa página, é exposto um mapa que descreve o número de falantes do idioma francês, por cada país. Para informar as diferenças, são utilizadas outras expressões como: “o francês é língua materna e oficial”, “o francês é língua de ensino”, “o francês tem um *status* oficial local”. Tal abordagem limita-se a essas amostras de terminologias, mas não há explicações sobre seus significados, diferenças e usos, ou seja, esse mapa tem o objetivo apenas de destacar a presença do idioma no mundo e não de esclarecer o que é a francofonia e toda a diversidade social, linguística e cultural que rodeia esse termo. Assim, logo no início dos livros, temos indícios da deficiência no tratamento de questões que abarcam esse tema.

Observamos também que o livro começa com destaques de assuntos relacionados à França, já que o primeiro mapa que aparece é o da França com as principais datas comemorativas desse país. Segue a imagem do mapa da francofonia:

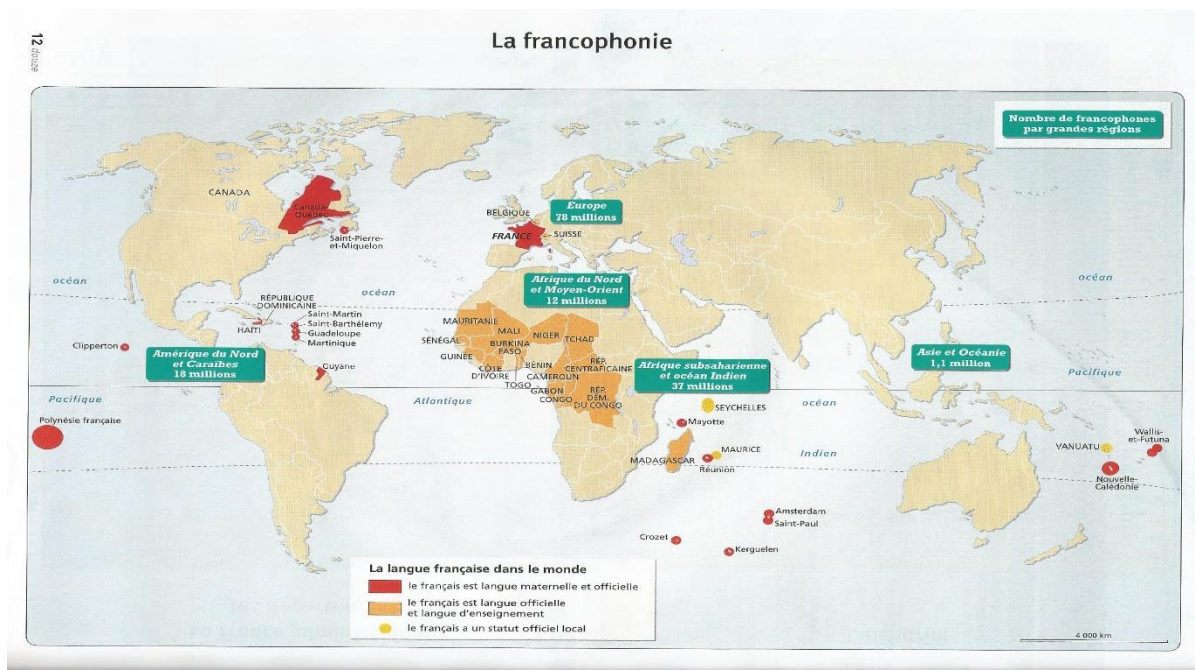


Figura 1: Mapa da francofonia

O que notamos nessa imagem nos leva a pensar que tal mapa está enfatizando a importância dada pelos livros ao fato de mostrar aos alunos o quanto é importante falar francês, já que ele não é falado apenas na França, mas também em vários outros países, e que o número de falantes é extenso. Observamos, então, que o livro não introduz explicações ou alusões sobre o que Roy (2010) salienta com relação à francofonia. Segundo o autor:

Na batalha das línguas, a francofonia dispõe de notável vantagem com os seus múltiplos legados culturais, ricos e hábeis a captar vastas audiências pelo mundo. Constitui uma evidência a multiplicidade de memórias, de tradições, de imaginários, de possibilidades de mestiçagem, de possíveis narrativas e de criações inovadoras, constituindo, outrossim, um mecanismo para sua irradiação e para sua capacidade de atração, o mesmo ocorrendo com a língua francesa. (ROY, 2010, p. 211, 212).

Ou seja, o termo francofonia está ligado à existência de uma pluralidade que não se limita à certificação de diferentes legados culturais, tradições, povos caracterizados pela mestiçagem, mas essa diversidade alcança também o fator linguístico. Com Roy (2010), vimos que há um conjunto de traços característicos da pluralidade francófona, que está além das poucas exposições centradas no fato de que o francês é falado no mundo todo.

Através de observações nos livros didáticos, vimos que na página 31 do volume A1 é apresentada uma ficha de inscrição para uma mediateca de Strasbourg, uma das cidades mais importantes da França. Em seguida, na página 34, aparece uma outra ficha de inscrição, destinada à participação em um sorteio cujo prêmio é uma viagem à Paris, organizado pelo

canal TV5 *Monde*, com o seguinte título: “Paris... mon rêvê!” (Paris... meu sonho!). A propagando do sorteio utiliza uma frase bastante persuasiva, que está relacionada à ação de realizar um sonho: “Allez à Paris pour réaliser votre rêve!” (Vá à Paris para realizar teu sonho!). Podemos ver tal fato na imagem que segue:

PARIS TV5MONDE

JEU-CONCOURS
<< PARIS... MON RÊVE ! >>

Allez à Paris pour réaliser votre rêve !

L'émission « Rêve et réalité » et Air Vacances offrent un voyage à Paris pour deux personnes.

Participer au concours, c'est simple !
Vous complétez et vous envoyez le bulletin de participation à TV5 MONDE.

Tirage au sort le 15 janvier.

Vous gagnez ?
Nous réalisons votre rêve !

PARIS TV5MONDE

JEU-CONCOURS
<< PARIS... MON RÊVE ! >>

Allez à Paris pour réaliser votre rêve !

Nom :
Prénom :
Adresse :
Ville :
Pays :
N° de téléphone :
Mail :
Profession :
Mon rêve :

Figura 2: Ficha de inscrição “jeu-concours”

O livro A1 trabalha esse assunto em atividades, mostrando que os interessados no concurso são de diferentes países do mundo, ou seja, trata-se de um tema que busca convencer, que quer fazer os aprendizes acreditarem que a França é um local que atrai pessoas do mundo todo. Em continuidade a esse tema, comenta-se sobre a francofonia na parte “Point Culture” (Ponto Cultura), na página 35, porém, a abordagem não possui o mesmo valor eloquente dos assuntos que tratam da França, pois são apresentados apenas levantamentos de dados, confirmando o que foi dito pelos estudantes nas entrevistas sobre a falta de aprofundamento nos fatos ligados à francofonia.

É importante salientar que, quando questionado sobre os livros didáticos que fazem parte da sua formação acadêmica, o GRADUANDO UFF 2 demonstrou não estar satisfeito com a forma com que são abordados e mostrados os assuntos relacionados à francofonia:

GRADUANDO UFF 2 – Sim, sim! E eu gosto bastante desse livro, porque ele começa com a francofonia já no começo, o *Alter Ego*.

ENTREVISTADORA – O *Alter Ego* 1, né?

GRADUANDO UFF 2 – Sim, *Alter Ego* plus 1.

[...]

ENTREVISTADORA – Você acha as informações suficientes, desse livro?

GRADUANDO UFF 2 – Para o nível iniciante, sim.

ENTREVISTADORA – Ah, sim! Bom, mas e no caso da formação de professores? Porque ele é usado pela UFF na formação, e para a formação. Você acha que ele é suficiente?

GRADUANDO UFF 2 – Não!

ENTREVISTADORA – Não é?

GRADUANDO UFF 2 – Porque o professor de francês tem que se aprofundar nisso. Mesmo que o livro traga informações, elas são muito rasas para um professor.

ENTREVISTADORA – E na maioria das vezes eles falam só sobre a França, né?

GRADUANDO UFF 2 – É, no livro, o que prevalece é a França e... e eu escuto e, não só em questão de França, tem uma lição que a gente é obrigado a identificar fachada de museu de Paris, ou seja, é um tanto quanto inadequado pra mim.

As afirmações desse aluno nos faz ter convicção sobre o que concluímos quanto aos livros, enfatizando que os materiais não possuem conteúdos suficientes para dar maior entendimento e esclarecimento sobre as diferenças sociais, culturais e linguísticas do francês aos futuros docentes. É relevante citar também o que disse o GRADUANDO UFRJ 1 sobre os materiais aplicados pelos professores:

ENTREVISTADORA – E o material que os seus professores utilizam contribuem para isso?

GRADUANDO UFRJ 1 – Bom! A gente não tem nenhum material feito pelos professores, com esse fim de mostrar as variedades. Quando a gente utilizava o *Alter Ego*, quando a gente começou estudar, ainda tinham algumas menções que estavam no livro, mas não são muito abrangentes, elas não explicam, elas mostram mais do que explicam, na verdade.

ENTREVISTADORA – E quais são os materiais que os seus professores utilizam?

GRADUANDO UFRJ 1 – No começo da graduação, foi o *Alter Ego*, pra ensinar francês pros alunos que não sabiam, e, depois, um material próprio, livros, literatura estrangeira e tudo mais.

[...]

ENTREVISTADORA – E os seus materiais? Você utilizou já no finalzinho materiais próprios, que os professores traziam, xerox. Esse material não abordava nada? No início, foi o *Alter Ego*, ele contribuiu de alguma forma?

GRADUANDO UFRJ 1 – Depois que nós terminamos o *Alter Ego*, eles focaram muito na gramática, que falava sobre a língua francesa. Era aquela coisa de: vamos falar de

hipótese, gramática, exercícios. O *Alter Ego* contribui, de uma certa forma, ele fala sobre... só que ele não especifica nada, ele tem todo um dossiê sobre a francofonia, ensina o que são *territoires d'autre mer, departement d'autre mer*, mas não fala qual a diferença do francês de lá. Acho que com o objetivo de fazer uma normalização, que o aluno compreenda que ele pode falar francês do jeito que ele aprende em qualquer lugar.

ENTREVISTADORA – Foi o *Alter Ego A1* que você usou?

GRADUANDO UFRJ 1 – O 1 e o 2.

ENTREVISTADORA – Os dois volumes completos?

GRADUANDO UFRJ 1 – Sim.

Com isso, observamos que o livro *Alter Ego* não explora os assuntos voltados para a francofonia. Como foi dito anteriormente, são mencionadas algumas ideias, sem qualquer explicação mais abrangente sobre o tema, como acontece no mapa da francofonia.

No tocante à fonética, observamos que, nas páginas 45 e 55 do livro A1, temos exercícios de fonética que trabalham a escuta e a repetição. Com esses exercícios, o aluno ouve um áudio, que possui a forma “certa” de pronúncia de determinadas frases. Tais atividades são trabalhadas ao longo do livro, em todos os módulos. A página 91, por exemplo, nos mostra mais uma atividade que trabalha o condicionamento do aluno à compreensão de apenas uma variedade linguística, exigindo do aluno o entendimento da frase “correta” e pedindo para que a mesma seja repetida.

É perceptível, assim, que há limitação na abordagem da variação que existe na língua francesa, em detrimento de seu uso por diferentes países, já que as atividades trabalhadas pelos livros orientam o aluno em um único uso do idioma. Com relação a isso, vemos que os materiais analisados não consideram o fator heterogêneo da língua, segundo Faraco:

[...] qualquer língua é sempre heterogênea, ou seja, constituída por um conjunto de variedades (por um conjunto de normas). Não há, como muitas vezes imagina o senso comum, a língua de um lado, e, de outro, as variedades. A língua é, em si, um conjunto de variedades. Ou seja, estas não são deturpações, corrupções, degradações da língua, mas são a própria língua: é o conjunto de variedade (de normas) que constitui a língua. (FARACO, 2008 *apud* ROY, 2010, p. 96).

Em concordância com o autor, observamos que o idioma francês é constituído por variedades, ou seja, como vimos no capítulo teórico, por conjuntos de variantes organizadas de acordo com diversas dimensões (geográficas, sociais, de registro, etárias, etc.). A variedade exposta pelos livros não constitui, em si, todo o referencial do idioma francês; apaga-se, pelo

não comparecimento, os falares dos outros países. Entretanto, o que acontece, de fato, é que a língua francesa é um conjunto de variedades que refletem a existência de uma diversidade sociolinguística e cultural de diferentes comunidades francófonas. Tais observações nos levam a questionar a importância da conscientização da existência dessa diversidade durante a formação de professores de FLE, pois não entender e não aceitar a diversidade francófona pode conduzir à formação de representações deturpadas sobre a língua francesa. De acordo com Roy (2010):

[...] para o professor de língua estrangeira, o agravante é o mesmo, quando ele considera ser língua aquela que remete à língua imaginária, a qual, como resultado dos processos de colonização, representa as línguas hegemônicas, sem levar em conta as especificidades que definem os usos dessas línguas em outros países, ou ainda os usos de outras línguas nesses mesmos países, ou ainda as variações dessas línguas e os conflitos advindos dessa convivência. (ROY, 2010, p. 21).

Ou seja, a alienação em torno do plurilinguismo francófono é preocupante tanto para os falantes do idioma quanto para os professores, já que essa falta de consciência é consequência de um imaginário inverossímil do que representa a língua francesa. Tal fato leva ao reconhecimento de apenas uma variedade, que é considerada hegemônica e que contribui para a eliminação dos outros usos. Com essas ideias construídas ao longo da formação, é provável termos uma propagação de uma ideologia ligada à cultura do “francês correto”, “le bon français”, remetendo a uma visão de língua homogênea. Outro fato que pode ocorrer em torno da promoção escassa da francofonia é a delimitação do conhecimento dos futuros docentes, o que pode acarretar dificuldades para a abordagem desse tema em sala de aula, assim como afirmou o **GRADUANDO UFRJ 2**:

ENTREVISTADORA – Você acha importante abordar questões de francofonia em sala de aula?

GRADUANDO UFRJ 2 – Eu acho importante, eu senti falta disso enquanto aluno.

ENTREVISTADORA – Na graduação mesmo, não é?

GRADUANDO UFRJ 2 – Exatamente, na graduação. E, talvez, por eu ter essa lacuna, eu não toco muito nesse assunto com os meus alunos. Porque eu não sinto segurança pra falar disso.

De acordo com o relato do aluno/professor, ele não consegue aprofundar suas aulas em torno do assunto francofonia, já que a sua formação não está dando respaldos para tal fim.

Assim, vemos que os livros didáticos contribuem para isso, funcionando como ferramentas formadoras de representações que tendem a considerar apenas um uso.

Além do que já foi visto até aqui, pudemos ver também como as questões sociais e culturais das sociedades francófonas são expostas pelos materiais. Verificamos um texto, na página 100 do livro A1, que evidencia somente hábitos franceses; intitula-se: “*Les français et les fêtes: vivre la tradition!*” (Os franceses e as festas: viva a tradição!). O material trabalha com testemunhos de pessoas que moram em diferentes comunas francesas. Em sua abordagem, refere-se às festas preferidas, ao modo como são feitas as comemorações, a como se dá o ritual; ademais, verificamos que os artistas franceses aparecem em evidência. Isso acontece na página 110.

Outro ponto que deve ser destacado é que o livro A1 fala sobre os departamentos da França, na página 120, mas não fala sobre as diferenças culturais, as diferenças no idioma falado e escrito nesses locais. Há destaque para a ilha Reunião, com algumas descrições e curiosidades sobre o local, na página 122.

Observamos que a presença dessa terminologia durante as aulas de FLE é escassa, como fica claro nos depoimentos de todos os entrevistados:

ENTREVISTADORA – E, nas aulas de francês, você ouviu com frequência sobre francofonia?

GRADUANDO UFF 1 – Eu escutei com muita frequência esse termo nas aulas do professor X, que é também professor de literaturas francófonas. Mas, o conhecimento a fundo sobre o que é francofonia, de fato, o que representa a francofonia, falar abertamente... Eu ouvi a palavra francofonia falada partindo do pressuposto de que todos que estavam ali na sala já sabiam o que era francofonia, então, pra mim... conhecer a fundo o que era francofonia... foi a partir da pesquisa de iniciação científica, que eu tive com a professora Y, que o tema era “variação linguística, o ensino das variações linguísticas do francês através das músicas”. Então, eu fui obrigado a ter um conhecimento mais a fundo do que era francofonia.

ENTREVISTADORA – E reflexões em torno da heterogeneidade do idioma francês são frequentes na sua formação?

GRADUANDO UFRJ 1 – Na minha formação, não. Assim... ela é muito focada no francês da metrópole, no francês, que eu diria... normalizado. E então, a gente não tem muita reflexão sobre o francês de fora daí, na graduação.

Constatamos, após a análise das entrevistas, que, na UFF ocorre uma aproximação maior com o termo francofonia, pois, nessa universidade, é oferecida a disciplina de literaturas francófonas; na UFRJ, por sua vez, há uma deficiência no que tange ao tratamento de questões sobre esse assunto, pois, de acordo com os relatos dos estudantes, não é dada abertura para isso, durante as aulas. Gonçalves (2015, p. 67) verificou que “na UFRJ e na UERJ, o estudo da literatura francesa recebe espaço privilegiado, se comparado a outras literaturas francófonas, sendo a UFF a única universidade que propõe em sua grade curricular o estudo de outras literaturas além da francesa”.

No entanto, é importante frisar que a abordagem sobre a francofonia aparece de forma constante, sobretudo, na literatura, sendo a principal oportunidade para o contato com culturas e informações de diferentes países do âmbito da francofonia. Tal observação nos conduz a uma reflexão sobre o fato de não haver um espaço favorável ao tratamento linguístico, cultural e social da francofonia não só nos materiais, mas também em disciplinas dessas universidades. Assim, não vemos condições satisfatórias de discussões abrangentes sobre as diferenças que englobam as diversas sociedades da língua francesa. Detectamos que, nas duas universidades, não há outras disciplinas que proporcionam o ensino de outros modelos linguísticos, ao invés do modelo reduzido, que leva em conta apenas um padrão de prestígio. Desconsideram-se, assim, as variedades desprestigiadas e não há amplas condições para a reflexão linguística em torno do idioma francês.

A ideia de francofonia defendida pela pesquisa é a de um conjunto de países que utilizam o francês como língua de comunicação, marcado por uma extensa diversidade linguística, cultural e social. Porém, o que vimos nos materiais são apenas informações e algumas exposições que não dão vazão à necessidade de difusão da realidade francófona, promovendo a propagação de um padrão linguístico e de imagens sociais focadas em um universo social restrito. Assim, concluímos que nenhum dos instrumentos pedagógicos analisados aqui possui características voltadas para o conhecimento linguístico fundamental para a formação de opiniões críticas em torno da francofonia, nos fazendo crer que o livro didático é utilizado como aparato político, difusor de política linguística, contribuindo, nesse viés, para a França. Dessa forma, os materiais não possuem a preocupação em esclarecer questões de variação linguística e diversidade social ligadas à existência de outros países que compõem a francofonia.

Considerações Finais

Com as análises desenvolvidas e aqui apresentadas, constatamos que é relevante a consideração das diversidades da língua francesa no percurso do ensino e aprendizagem de LE, sobretudo no âmbito acadêmico, durante o processo de formação de professores de FLE. Contudo, detectamos que os materiais didáticos analisados não são fontes de conteúdos que proporcionam ocasiões de aprofundamento sobre o que se trata a francofonia e toda a complexidade que envolve esse termo. A partir do que foi pesquisado, podemos afirmar que a formação de docentes constitui um papel fundamental para o desenvolvimento de profissionais qualificados, no que concerne à capacidade, que vai além de ensinar uma estrutura, mas que envolve funções que exigem o conhecimento e a aceitação da heterogeneidade cultural, social e linguística da francofonia.

Sá (1998) afirma que, dentre os fatores para a difusão das representações, estão os valores, o contexto ideológico e o histórico. Junto ao autor, acreditamos que esses são os fatores para a presença das representações sociais nos manuais. Tais representações transmitem uma imagem francófona singular, nas quais observamos a França como única representante da sociedade francófona. Voltada para a questão da representação cultural, Peruchi (2004) diz que um conjunto de fatores é responsável pela apresentação de um estereótipo cultural positivo nos manuais de ensino de língua francesa. Dentre eles, está o medo de perder a identidade, construída ao longo dos séculos como um exemplo de potência cultural. A partir dessa afirmativa, podemos pensar também no medo de perder a identidade de potência política, econômica e turística. Ademais, podemos observar a presença de apenas uma variedade linguística, a francesa. Isso pode levar os futuros professores a um “reducionismo” no conhecimento sobre as variedades francófonas. Esse reducionismo pode acarretar em uma deficiência no momento em que os formandos em docência colocarem em prática seus conhecimentos, em um processo de ensino/ aprendizagem.

Além disso, durante a pesquisa, constatamos também que a política linguística da França é um elemento responsável fundamental para o que aparece nos livros didáticos, servindo como estratégia para a difusão do idioma em uma forma padrão, deixando de contribuir de maneira eficiente para a cooperação entre as culturas francófonas. Por isso, “no que concerne sobremaneira a questões relativas ao ensino de língua e estudos da linguagem, é preciso reconhecer a importância de revisitar e de discutir política linguística continuamente” (ROY, 2010, p. 19). Ou seja, os estudos relacionados a Políticas Linguísticas e reflexões em torno da mesma são essenciais para os educadores. Julgamos pertinente que, “entre os

assuntos ligados à língua(gem), trazer políticas linguísticas para o eixo da discussão é indispensável, em qualquer ambiente, principalmente o escolar e o acadêmico” (ROY, 2010, p. 33).

Para concluir, defendemos que “os usuários de uma língua ou de mais de uma precisam se perguntar constantemente por que a(s) usam, por que defendem determinado(s) uso(s), em detrimento de outro(s), ou mesmo por que defendem o “falar corretamente [...]” (ROY, 2010, p. 33). O pensamento crítico linguístico é inerente à capacidade do educador de compreender língua. Sendo assim, acreditamos que indagações como “o que eu defendo como correto?” ou “o que é falar corretamente?” estão relacionadas “às forças que circundam a compreensão e as ações via língua, ou melhor, via práticas linguísticas” (ROY, 2010, p. 33).

Assim, o papel do professor passa de apenas transmissor de língua para um sujeito crítico formador de ideias conscientes da realidade sociolinguística francófona.

REFERÊNCIAS

BERGMANN, J. C. F. *Aquisição de uma língua estrangeira: o livro didático como motivador*. Dissertação (Mestrado). – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

BERTHET, Annie; DAILL, Emmanuelle; HUGOT, Catherine; KIZIRIAN, Véronique M.; WAENDENDRIES, Monique. *Alter Ego + A2 – livre de l’élève*. Paris: Hachette-Français Langue Étrangère, 2012.

CALVET, Louis-Jean. *As Políticas Linguísticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GONÇALVES, Helena da Conceição. *A francofonia e a formação de professores de francês língua estrangeira no Estado do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense – Instituto de Letras, Niterói, 2011.

LABOV, Willian. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOSCOVICI, Serge. *As Representações Sociais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

PEREIRA, Telma; COSTA, Débora. *Representação linguística: perspectivas práticas e teóricas*. In: Gragoatá, nº 32, p. 171-188, Niterói: 2012.

PERUCHI, Ingrid Bueno. *Representações de cultura em livros didáticos de francês língua estrangeira*. UNICAMP: Programa de pós-graduação em Linguística Aplicada – Dissertação (Mestrado). Campinas : SP, 2004.

PETITJEAN, Cécile. *Représentations Linguistiques et Plurilinguisme*. Thèse de doctorat des Université des Université de Provence et Neuchâtel, spécialité Sciences du langage, 2009. Disponível em: http://doc.rero.ch/record/17313/files/Th_Petitjean.pdf

RODRIGUES, Luiz Carlos Balga. *Atitude, Imaginários, Representação e Identidade Linguística: Aspectos Conceituais*. Cadernos do CNLF, Vol. XVI, Nº 04 Anais do XVI CNLF. Rio de Janeiro: 2012.

ROY, Jean-Louis. *Qual o futuro da língua francesa? Francofonia e concorrência cultural no século XXI*. Editora Sulina. Porto Alegre: 2010.

SÁ, Celso Pereira de. *A construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais*. EDUERJ: Rio de Janeiro, 1998.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 2012.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; LAGARES, Xoán Carlos. Política e planificação linguística: conceitos, terminologias e intervenções no Brasil. In: *Revista Gragoatá*. Niterói, nº 32: 11-27, 2012.

SÊGA, R. A. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. In: *Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: 2000.